

A mídia hegemônica e o racismo institucional: análise de matéria do Jornal da Band sobre vacina para dependentes químicos¹

Ana Beatriz MENEZES²

Juliana PEREIRA³

Laíse RIBEIRO⁴

Larissa MAIA⁵

Meiwa MAGALHÃES⁶

Vitória MARQUES⁷

Ceres SANTOS⁸

Márcia GUENA⁹

Universidade Do Estado Da Bahia (Uneb), Juazeiro, BA

Resumo:

Busca-se neste trabalho compreender como a guerra às drogas, aliada a criminalização da pobreza se manifestam no telejornalismo, e reforçam os estereótipos que oprimem a população negra no Brasil. Analisaremos a matéria do Jornal da Band, exibida no dia 31 de maio de 2023, intitulada “Vacina contra vício em crack e cocaína”, utilizando como metodologias os estudos de Almeida (2019) sobre racismo institucional, a teoria das representações sociais de Hall (2016), as discussões de Bardin (1977) acerca da análise de conteúdo, de Van Dijk (2008) sobre a análise crítica do discurso, os estudos sobre racismo na Comunicação, de Santos e Guena (2020), e ainda as abordagens construcionistas do Jornalismo, embasando-se teoricamente em Traquina (2001) e Corcuff (2001), principalmente.

Palavras-chave: criminalização da pobreza; Jornal da Band; racismo institucional; análise de conteúdo; análise crítica do discurso.

Introdução

Este artigo analisa como o Jornal da Band, na matéria do dia 31 de maio de 2023, “Vacina contra vício em crack e cocaína”, reforça o discurso da criminalização da

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – Jornalismo (Comunicação, Espaço e Cidadania) do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 5 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo em Mídias do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: beatrizmennezes30@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo em Mídias do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: julianapereiradahora@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo em Mídias do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: manielle.laise@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo em Mídias do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: maialarissa124@gmail.com

⁶ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Jornalismo em Mídias do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: meiwamagalhaesmm@gmail.com

⁷ Estudante de Graduação do 7º semestre do curso de Jornalismo em Mídias do Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: vtoriamarquesuneb@gmail.com

⁸ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo em Mídias e do Programa em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: marciaguena@gmail.com

⁹ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do curso de Jornalismo em Mídias e do Programa em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da UNEB, e-mail: ceressantos3@gmail.com

pobreza e da chamada guerra às drogas, marcas do racismo institucional presentes no Jornalismo.

O racismo institucional é intrínseco à Comunicação porque, conforme Guena e Santos (2020), a mídia hegemônica é controlada por quem detém o poder econômico e político, historicamente, ou seja, os proprietários de grandes empresas, políticos e demais elites dominantes. A emissora Bandeirantes se enquadra como tal, por ser propriedade de empresários, anteriormente de políticos e estar dentro de um conglomerado de mídia –Na visão das autoras:

[...] o racismo institucional constitui uma das estruturas inerentes ao funcionamento da mídia hegemônica, em toda a sua esfera organizacional. Para nós esta afirmação não é mais uma hipótese a ser constatada nos estudos acadêmicos. É, antes de mais nada, uma premissa (SANTOS E GUENA, 2022, p. 122).

Nesse viés, a escolha da matéria intitulada “Vacina contra vício em crack e cocaína” do telejornal noturno da Band do dia 31 de maio de 2023 justifica-se pelo fato de que trata, implicitamente, nas imagens e vídeos veiculados, de um assunto que nos é pertinente, tanto porque é pouco estudado dentre os cursos de Jornalismo, e pouco analisado – não encontramos, em nossas pesquisas, uma quantidade satisfatória de materiais que estudam o tema. Além disso, entendemos que é preciso que seja feita a crítica da mídia, de forma estruturada e concisa, a fim de que a formação em Jornalismo não seja meramente baseada na produção de conteúdos jornalísticos e na absorção de teorias.

A emissora Bandeirantes e o Jornal da Band

A Band é uma rede de televisão brasileira pertencente ao Grupo Bandeirantes de Comunicação. O Grupo, que também é conhecido apenas como Bandeirantes foi fundado no dia 06 de maio de 1937 após inauguração da Rádio Bandeirantes. Inicialmente chamada de Sociedade Bandeirante de Radiodifusão, foi criada pelo empresário e farmacêutico José Pires de Oliveira Dias, dono da rede de farmácias Drogasil (ABERT, 2022).

De acordo com a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), o investimento do farmacêutico em uma rádio foi influenciado pelo maestro José Nicolini e inicialmente a rádio foi pensada como programa musical, voltado ao gênero clássico.

Em 1945, após comum acordo entre os sócios, ela foi vendida para Paulo Machado de Carvalho, dono da Rádio Record e das Emissoras Unidas.

Novamente vendida em 1947, pertenceu ao então governador de São Paulo, Adhemar de Barros. O político era médico, aviador e começou sua carreira política através de um tio. Adhemar se elegeu deputado estadual, foi indicado como Interventor Federal de São Paulo em 1938–1941 por Getúlio Vargas, e, seis anos depois, foi eleito governador pela primeira vez, em 1947, e também em 1963. Adhemar concorreu à presidência da república em 1955 e em 1960, mas sofreu derrota nas duas vezes, ficando em terceiro lugar ambas. Ainda de acordo com a ABERT, houveram divergências entre os diretores da Bandeirantes e como solução para cessar tais conflitos, Adhemar passou a Bandeirantes para o comando de João Saad, seu genro (ABERT, 2022).

A TV Bandeirantes entrou no ar no dia 13 de maio de 1967 pelo canal 13 VHF, mas foi na gestão do presidente Getúlio Vargas que foi dada a João a concessão de um canal de TV na capital paulista. Logo depois, no governo de Juscelino Kubitschek, a concessão foi anulada mas acabou sendo recuperada em 1964, durante o governo João Goulart. A emissora foi a primeira do Brasil a produzir toda a sua programação em cores, em 1973, e a primeira a fazer uma transmissão via satélite, sendo a rede pioneira na utilização de um canal exclusivo de satélite para suas transmissões simultâneas no Brasil, em 1982 (MUSEU BRASILEIRO DE RÁDIO E TELEVISÃO, 2017).

Diante disso, encontramos alguns estudos que abordam o caráter hegemônico da emissora estudada. O estudo “Quem Controla a Mídia no Brasil?” feito pelo Intervezes – Coletivo Brasil de Comunicação Social – e Media Ownership Monitor/Brasil – MOM – aponta que cinco empresas acumulam a maioria dos veículos de comunicação no Brasil (INTERVOZES, 2017). Dos 50 meios de comunicação analisados na pesquisa, cinco pertencem à Bandeirantes, considerando que existem 26 empresas de comunicação no país.

Segundo uma investigação feita pelo Intercept Brasil (2021), a Band recebeu R\$15 milhões nos últimos três anos do governo Bolsonaro, fora o valor de *merchandising*; a emissora era uma das poucas que o ex-presidente concedia entrevistas (INTERCEPT, 2021).

O Jornal da Band é um telejornal que vai ao ar de segunda à sexta, às 19:20h. Possui duração de 45 minutos. Seu formato também abrange o digital, sendo possível

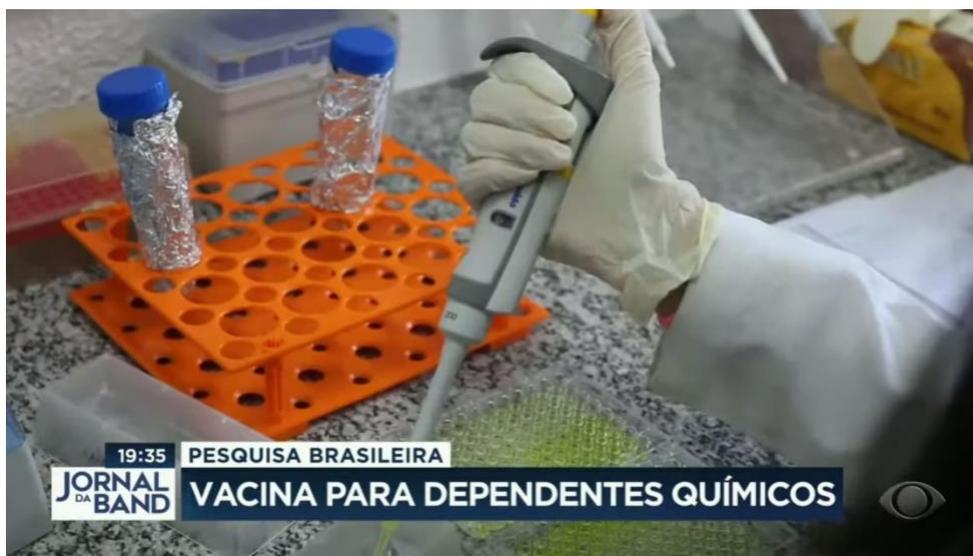
acessar o conteúdo através do *site* da emissora e também pelo canal Band Jornalismo, no Youtube.

Análise de conteúdo e descrição da matéria

Primeiramente, precisamos conceituar a análise de conteúdo, método escolhido para análise. Entendemos o método como uma forma eficaz de chegar a resultados satisfatórios quando se trata de produtos comunicacionais, isto porque utiliza técnicas que nos permitem dissecá-los tanto de forma quantitativa como também qualitativamente, não nos limitando apenas a um aspecto. Para Laurence Bardin (1977), a análise de conteúdo é:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Em 31 de maio de 2023, o jornal começou às 19h20 e terminou às 20h30. Se desenvolveu em sete blocos, e a matéria analisada foi a quarta apresentada, inclusa no segundo bloco, que durou dez minutos, totalizando dois minutos. Nesse bloco, todas as matérias demonstraram ausência de conotação, ou seja, foram expressas denotativamente, seguindo uma estrutura que se baseia em linguagem com ausência de sentido figurado e de metáforas, basicamente.



Fonte: Jornal da Band, canal do Youtube

De acordo com Ilana Rebello (2017), na denotação, há uma ligação básica entre significante e significado (p. 1110). No entanto, na linguagem conotativa existe a permissão para que “esse mesmo signo comporte-se como um outro significante, relacionado, por sua vez, a outro significado” (p. 1110). Sendo assim, segundo Rebello (2017), a conotação representa um uso expressivo do signo linguístico, ao passo que a denotação se fundamentaria na associação entre o significante e seu significado [...]” (p. 1110).

Entende-se que a matéria analisada possui narratividade, pois segue uma lógica coesa, com início, meio e fim, portanto, tem uma estrutura que possibilita o entendimento e um adequado percurso gerativo de sentido; este é entendido por José Luiz Fiorin (2006) como a junção de patamares sucessivos, os quais individualmente podem receber adequadamente uma descrição, o que exhibe como o sentido é produzido e interpretado.

Ademais, notou-se que a matéria é narrada por pessoas brancas, – tanto o(a) repórter quanto a fonte que é ouvida – as quais constroem uma narrativa favorável ao uso da vacina para combater o vício em crack e cocaína. Todavia, percebe-se a ausência de discursos que abordam as questões sócio-políticas envolvidas em torno de uma vacina que serve para o fim proposto. Portanto, é uma matéria informativa, contudo tendenciosa; implicitamente apoia a criação da vacina.

No início da transmissão da matéria em pauta, a âncora Paloma Tocci, noticia “Uma vacina para dependentes de cocaína e craque se livrarem das drogas”. Em seguida, informa que o estudo está sendo realizado por pesquisadores brasileiros e que bons resultados estão sendo obtidos na fase de testes. Ainda, acrescenta que a vacina foi batizada como “cálice-coca ou imunizante” e que o produto já teve “a segurança e a eficácia aprovadas nas fases pré-clínicas do estudo realizadas apenas em animais”.

Por fim, é apresentado a entrevista de um homem branco, não identificado no vídeo, mas reconhecido na matéria *online* como Frederico Garcia, coordenador da pesquisa sobre a vacina, professor e pesquisador do Departamento de Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o qual explica sobre o funcionamento da vacina no organismo. Durante essa explanação, aparecem imagens de pessoas, majoritariamente pretas e pardas, em situação de rua.

Análise crítica do discurso

Antes de analisarmos os discursos encontrados na matéria do telejornal da Band, é importante conceituarmos a análise crítica do discurso, a qual foi escolhida porque nos permite enxergar amplamente como os discursos, muitas vezes implícitos, ajudam a entender como se dão as relações de poder.

Conforme os estudos de Teun Van Dijk (2005), o qual relaciona o discurso, o poder e como os dispositivos de poder funcionam na sociedade, a análise crítica do discurso é:

[...] um tipo de investigação de análise do discurso que estuda, em primeiro lugar, o modo como o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática, e igualmente o modo como são reproduzidos e o modo como se lhes resiste, pelo texto e pela fala, no contexto social e político. Com esta investigação dissidente, os analistas críticos do discurso tomam uma posição explícita e querem desta forma compreender, expor e, em última análise, resistir à desigualdade social (VAN DIJK, 2005, p. 19).

Feito isso, é preciso definir racismo institucional, uma vez que a Comunicação é formada por instituições historicamente controladas pelas elites dominantes, pelas instituições – estatais ou privadas –, como os grandes conglomerados de mídia, e, conseqüentemente, reproduz os ideais de herança colonial e escravocrata, ou seja, racistas. Segundo Silvio Almeida (2018):

[...] a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos (ALMEIDA, 2018, p. 27).

Nessa perspectiva, dentre os discursos observados e que serão discutidos abaixo, nota-se um aspecto importante que “justifica” a reprodução do racismo institucional na Comunicação, o qual consiste no desenvolvimento da manutenção dos dispositivos de poder construídos ao longo do tempo, legitimados pela ideia de que a raça branca é superior. Almeida (2018), quanto a isso, diz que:

[...] detêm o poder os grupos que exercem o domínio sobre a organização política e econômica da sociedade. Entretanto, a manutenção desse poder adquirido depende da capacidade do grupo dominante de institucionalizar seus interesses, impondo a toda sociedade regras, padrões de condutas e modos de racionalidade que tornem “normal” e “natural” o seu domínio (ALMEIDA, 2018, p. 27).

Logo, ao destacar fatores que englobam o racismo institucional, Almeida (2018) sintetiza a "normalidade" que o racismo cria: é possível identificar na matéria tal discurso ao ver negros em situações de vulnerabilidades na Cracolândia. A presença de negros não espanta a sociedade, o que é fruto das estruturas do racismo enraizado que passa despercebido em meio às falácias de imagens que retratam a vida de uma minoria marginalizada.

Inicialmente, a reportagem anuncia uma vacina contra o vício em cocaína e crack. Em seguida, exhibe imagens de pessoas negras em situação de rua, como exemplos de usuários (as) de drogas, o que contribui para a reprodução de estereótipos e intensifica a criminalização da pobreza, que, segundo o RioOnWatch (2016) – organização que busca dar visibilidade às comunidades cariocas –, é:

[...] um fenômeno global de maus-tratos e preconceito enfrentado por membros mais pobres da sociedade devido a suas circunstâncias econômicas, muitas vezes influenciado por e perpetuando o racismo, e outras formas de discriminação (RIOONWATCH, 2016).



Fonte: Jornal da Band, canal do *Youtube*.

Assim, ao colaborar com essa criminalização, a reportagem reforça o estereótipo racista de que o negro é viciado em drogas, o que, além de contribuir a uma opinião pública estigmatizada e racista, fere os princípios éticos do Jornalismo, os quais dizem que o jornalista não pode discriminar nenhum tipo com nenhuma pessoa. Segundo Anabela Gradim (2018). "O jornalista deve rejeitar o tratamento discriminatório das

peças em função da cor, raça, credos, nacionalidade ou sexo." (p.118), porque tais tratamentos devem buscar não ferir os direitos humanos individuais e coletivos.

Contudo, vale destacar também que a edição do jornal e a política editorial, na hierarquia da empresa, estão acima do (a) jornalista, muitas vezes; por isso, não se pode considerar apenas quem faz a matéria ou a expõe; é necessário levar em conta a empresa jornalística, a organização.

Por isso, observou-se que as imagens e vídeos veiculados na matéria causariam um impacto totalmente diferente caso mostrassem pessoas brancas, porque iria contra o padrão estabelecido. Isso remete à fala de Almeida (2018), sobre o racismo proporcionar um convívio natural diante de quem está "acostumado" a estar na mira:

A descrição de pessoas que vivem "normalmente" sob a mira de um fuzil, que têm de pular corpos para se locomover, que convivem com o desaparecimento inexplicável de amigos e/ou parentes é compatível com diversos lugares do mundo e atesta a universalização da necropolítica e do racismo de Estado, inclusive no Brasil (ALMEIDA, 2018, p. 77).

Dessa maneira, entendemos ser importante discutir as imagens a partir das representações sociais, pois estas formam o imaginário social das pessoas e consolidam conceitos. As imagens mostradas de pessoas negras na matéria são, majoritariamente, de pessoas em situação de rua e fazendo o uso de drogas, isto enquanto o repórter fala sobre a vacina, que é para dependentes químicos, criando assim uma associação.

Segundo Stuart Hall (2016), as representações sociais são formas de produzir significados dos conceitos da mente humana pela linguagem, entendida como tudo que possa expressar sentido, significação. Para o autor, "representação significa utilizar a linguagem, para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas" (p. 31).

Nesse viés, as imagens são formas de linguagem, carregam significados e são representações. Ao serem usadas pessoas negras em situação de rua para ilustrar dependentes químicos, há um discurso implícito, uma narrativa que endossa estereótipos fixados historicamente e ignora o fato de que não somente pessoas negras e pobres fazem uso de drogas ou são dependentes químicos. Hall (2016) diz que estereótipos são representações que usam de forma exagerada e interessada das

características simples, amplamente reconhecidas e memoráveis de uma pessoa para reduzi-la a isto, moldando-a conforme as intenções; neste caso, da criminalização da pobreza aliada ao racismo.

Ao associar pessoas negras e em situação de rua ao vício em crack e cocaína, a emissora assume, de forma oculta, a responsabilidade de estar contribuindo e fortalecendo o imaginário racista na sociedade em torno dessa população, colaborando significativamente para a marginalização dessas pessoas. Ademais, ignoram-se questões que fazem parte dessa problemática, como saúde pública, emprego, moradia e classe, e todas outras as conjunturas sociais que podem fazer as pessoas estarem em tais condições.

Para Dênis Petuco (2011), as mídias comunicacionais diariamente fazem a reprodução dos preconceitos em cima do uso de substâncias, reforçando-o, o que, segundo o autor, faz com que grupos desfavorecidos e negligenciados socialmente sejam expostos e relacionados ao uso e comércio de drogas ilegais, sem abordar qual estrutura histórica encaminha o grupo citado para essa situação.

Quanto à dependência química, o estudo qualitativo realizado pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) por Simone Alvarez, Giovana Gomes e Daiani Xavier, em 2014, por meio de entrevistas com dependentes e ex-dependentes químicos, mostra que as causas que explicam o consumo de drogas, que vão gerar a dependência química, posteriormente, podem ser a curiosidade, a influência de amigos, a imaturidade, além de quadros de depressão, rebeldia etc. (ALVAREZ, GOMES e XAVIER, 2014). Já quanto à condição de estar em situação de rua, Fernando e Machado (2007), citados por Abreu e Salvadori (2015), destacam que:

[...] quatro grandes grupos de fatores que levam esses sujeitos a fazer da rua seu principal local de referência, contribuindo para ampliação e entendimento do fenômeno, assim podem ser divididos em: experiências de violências, uso e abuso de drogas, desemprego e problemas de saúde (FERNANDO e MACHADO Apud ABREU e SALVADORI, 2015, p. 5).

Por essas questões, acreditamos que a matéria deveria ter abordado tais aspectos que envolvem o consumo e o vício em substâncias químicas, e não meramente apontar a vacina como saída aos problemas; isto para desenvolver um Jornalismo ético e que não reforce a opressão à população negra.

Uma vez que o Jornalismo constrói realidades, conforme Nelson Traquina (2001, p. 168), este ancorando-se em outros autores como Schudson (1982/1993, p. 280) e Gaye Tuchman (1976/1993, p. 262), a partir de processos oriundos da seleção, exclusão ou ênfase de certas informações e aspectos, que são os enquadramentos jornalísticos (ROTHBERG, 2010, p. 23), nota-se que o que é apresentado ao público, o que é construído, molda-se por discursos que atendem a interesses de uma mídia institucionalmente racista, e que tal enquadramento escolhido reflete e contribui à manutenção de tais interesses, fazendo com que essas representações, que são “[...] fixas e inalteráveis” (DYER, 1077:29 Apud HALL, 2016, p. 191) se instalem no imaginário das pessoas, dentro dos limites da influência da mídia – diz-se aqui influência baseando-nos na teoria *Agenda-Setting*, a qual diz que o Jornalismo tende a pautar as conversas das pessoas consomem as informações, e, conseqüentemente, suas ações, contudo não as influenciando totalmente, visto que possuem filtros pessoais e visões próprias.

A teoria construcionista ressalta que as notícias não são apenas um reflexo ou descrição da realidade. O autor Gadini (2007) acredita que, "o jornalismo implica, sempre, num recorte temático que redesenha o mundo social, a partir de um determinado enfoque" (p. 80). Ao dizer isso, Gadini (2007) argumenta que a mídia desempenha um papel de construção e influência na percepção analítica da audiência, sendo que através das escolhas editoriais, modela o produto que vai ao ar, o qual contribui à formação da opinião pública. Por isso, é fundamental perceber a perpetuação do racismo na elaboração do discurso dos meios de comunicação hegemônicos.

Considerações finais

Por fim, percebemos que o discurso oral do jornal apresenta a vacina como uma intervenção de política pública de saúde, uma medida para frear o consumo de drogas. Van Dijk (2005) diz que “[...] o abuso do poder social, a dominância e a desigualdade são postos em prática por meio das instituições que os detém” (p. 19), e é, portanto, pelos dispositivos racistas de poder, vistos nos discursos aqui analisados, que o racismo na Comunicação é fortalecido e mantido.

Dessa maneira, enxergamos como urgentes diversas mudanças de postura da mídia hegemônica diante de assuntos como os quais foram aqui analisados, para que posteriores trabalhos possam ser feitos identificando algum progresso. Os

enquadramentos temáticos, estudados por Rothberg (2010), são entendidos por nós como uma forma eficaz de abordar os acontecimentos jornalísticos e construir matérias, portanto, realidades. Isto porque tais quadros, ou *framings*, fazem uso da exploração de causas e efeitos, trazem fontes diversas e que são legitimadas para falar sobre o assunto, em não reproduzem estereótipos ou preconceitos.

Além disso, vimos na mídia alternativa uma forma de ir contra ao racismo que a hegemônica reproduz, pois, trabalhos realizados por veículos como o Alma Preta e o Notícia Preta, que são independentes – como a cobertura da morte por asfixia de Genivaldo Santos, um homem negro, pela Polícia Rodoviária Federal, em Sergipe, e os desdobramentos do caso –, assumem o compromisso de não reproduzirem o racismo institucional, bem como de serem antirracistas, logo, não ferirem os direitos humanos individuais e coletivos.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen, 2018.

ALVAREZ, S. Q.; GOMES, G. C.; XAVIER, D. X. **Causas da dependência química e suas consequências para o usuário e a família**. Rev enferm UFPE on line., Recife, 8(3):641-8, mar., 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BESSER, A.; VADOT, A.; HOFFMAN, A. R.; NEMZER, E. AL-SHARKI, Nashwa. Tradução: Juliana Coeli. **Entenda a violência do Rio: a criminalização da pobreza**. Rio de Janeiro: RIOONWATCH, 2016. Disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=21553#:~:text=A%20criminaliza%C3%A7%C3%A3o%20da%20pobreza%20%C3%A9,e%20outras%20formas%20de%20discrimina%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DYER, R. **Don't Look Now – The Male Pin-up**. Screen, v. 3/4, nº 23, 1982, Apud HALL, Stuart. **Cultura e representação** / Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

ESTEVES, A.; RIBEIRO, A. **Cem anos do rádio no Brasil: a Rádio Bandeirantes**. Radio Agência, 2022. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2022-07/cem-anos-do-radio-no-brasil-radio-bandeirantes>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

Estudo revela quem são os donos da mídia no Brasil, 2017. Núcleo sindical Foz do Iguaçu. Disponível em: <<https://www.appfoz.com.br/10420/>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

Família Saad. **Media Ownership Monitor Brasil, 2017**. Disponível em: <<http://brazil.mom-gmr.org/br/proprietarios/pessoas/detail/owner/owner/show/saad-family/>>. Acesso em: 08 de jul. 2023.

FERREIRA, F. P. M.; MACHADO, S. C. C. **Vidas privadas em espaços públicos: os moradores de rua em Belo Horizonte**. Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Editora Cortez, n. 90, ano XXVII, junho, 2007.

FILHO, J. **É fácil ser otimista como o dono da Band enquanto emissora recebe milhões de Bolsonaro**. Intercept Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2021/12/11/band-otimista-dono-johnny-saad-bolsonaro/>>. Acesso em: 08 jul. 2023.

FIORIN, J. L. **A Noção de Texto na Semiótica**. Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul., v. 9, n. 23, p. 165–176, 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29370>> Acesso em; 20 jul. 2023.

FRANCFORT, E. **A história da TV Bandeirantes. Museu brasileiro de rádio e televisão, 2017**. Disponível em: <<https://www.museudatv.com.br/a-historia-da-tv-bandeirantes/>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

GADINI, S. L. **“Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade”**. Porto Alegre, Revista FAMECOS: n° 33, p. 79–88, agosto de 2007, quadrimestral.

HALL, S. **Cultura e representação** / Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 02 jul. 2023.

INPAD – Instituto Nacional de Políticas Públicas do Álcool e Drogas. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lis-25502>>. Acesso em: 02 jul. 2023.

Jornal da Band ao vivo: acompanhe a edição de 31/05/2023. Band, 2023. Disponível em <<https://www.band.uol.com.br/noticias/jornal-da-band/ao-vivo/dia-31-05-2023>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MAYER, J. M. **Verbete**. FGV CPDOC. Disponível em <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/ademar-pereira-de-barros>>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PETUCO, D. S. **Entre imagens e palavras: o discurso de uma campanha de prevenção ao crack. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

REBELLO, I. S. **Do signo ao texto, da língua ao discurso: de Saussure a Charaudeau**. Gragoatá, Niterói, v.22, n. 44, p. 1103-1122, set.-dez. 2017.

ROTHBERG, D. **Jornalismo e informação para democracia: parâmetros para a crítica de mídia**. In: CRISTOFOLETTI, Rogério (Org). Vitrine e Vidraça: Crítica de mídia e qualidade no Jornalismo. Covilhã, UBI: LabCom Books, 2010.

SANTOS, C.; GUENA, M. **Expulsão do racismo estrutural da comunicação: da utopia à realidade**. São Paulo: Extraprensa, 2022.

Uma Rádio Bandeirante. **Centro de estudos e memória da ABERT, 2022**. Disponível em: <<https://memoria.abert.org.br/uma-radio-bandeirante/>>. Acesso em: 05 jul. 2023.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. A. **Discurso, Notícia e Ideologia: Estudos Na Análise Crítica Do Discurso**. CAMPO DAS LETRAS - Editores, S. A., 2005 Rua D. Manuel II, n.0 33 -5.0 4050-345 Porto.